

ELA, EMPREGADA DOMÉSTICA: A LINGUAGEM NO TRABALHO INVISÍVEL

SHE, A DOMESTIC HELPER: THE LANGUAGE IN INVISIBLE WORK

Neuzer Helena Munhoz Bavaresco **1**
Ernani César de Freitas **2**

Doutoranda e Mestres em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4714464137742778>.
E-mail: neuzermunhoz@gmail.com

Doutor em Letras/Linguística Aplicada (PUCRS), com Pós-Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo (UPF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9653110286244674>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8920-9446>. E-mail: ecesar@upf.br

Resumo: O tema deste artigo é a relação que se estabelece entre linguagem e trabalho no ambiente laboral de empregadas domésticas. Este estudo apresenta uma interface entre a temática Ergologia, Linguagem e Trabalho (SCHWARTZ, 2010, 2011, TRINQUET, 2010; NOUROUDINE, 2002) e a teoria enunciativo-discursiva de Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2010, 2019) com o objetivo de analisar a cenografia e o ethos construído a partir de relatos de duas empregadas domésticas reunidos na obra *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada*, de Preta-Rara. Trata-se de pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa e objetivo exploratório. Os dados advêm das pesquisas bibliográfica e documental. Chegamos à conclusão de que a materialidade linguística apresenta dois ethos discursivos, a partir do conceito de invisibilidade na atividade de trabalho proposto por Schwartz (2011): a primeira empregada possui uma imagem de si que é visível pelo seu físico, mas invisível pela atividade que executa, resultando em um ethos de empregada disfuncional; enquanto a segunda possui um ethos de empregada doméstica invisível pelo físico, mas visível pela atividade de trabalho que continuou a ser executada a despeito das suas condições físicas e psicológicas, resultando um ethos de empregada desumanizada.

Palavras-chave: Trabalho Invisível. Cenografia. Ethos Discursivo. Empregada Doméstica.

Abstract: The subject of this article is the relationship that is established between language and work in the work environment of domestic workers. This study presents an interface between Ergology, Language and Work (SCHWARTZ, 2010, 2011, TRINQUET, 2010; NOUROUDINE, 2002) and the enunciative-discursive theory of Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2010, 2019) with the objective of analyzing the scenography and ethos built from the accounts of two housemaids gathered in the work *I, a housemaid: the modern senzala is the room of the housemaid*, from Preta-Rara. It is an applied research, with a qualitative approach and exploratory objective. The data come from bibliographical and documental research. We came to the conclusion that linguistic materiality presents two discursive ethos, based on the concept of invisibility in work activity proposed by Schwartz (2011): the first maid possesses an image of herself that is visible by her physical condition, but invisible by the activity she performs, resulting in a dysfunctional maid ethos; while the second has a maid ethos that is invisible by the physical condition, but visible by the work activity that continued to be performed with contempt for her physical and psychological conditions, resulting in a dehumanized maid ethos.

Keywords: Invisible Work. Scenography. Discursive Ethos. Housekeeper.

Introdução

O tema deste artigo é a relação que a linguagem e o trabalho possuem no ambiente laboral de uma empregada doméstica. Este estudo apresenta uma interface entre a temática Ergologia, Linguagem e Trabalho (SCHWARTZ, 2010, 2011, TRINQUET, 2010; NOUROUDINE, 2002) e a teoria enunciativo-discursiva de Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2010, 2019) com o objetivo de analisar a cenografia e o ethos construído a partir de relatos de duas empregadas domésticas reunidos na obra *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quarto da empregada, de Preta-Rara*.

A questão problematizadora que norteia este estudo é: Como caracterizar o ethos da empregada doméstica a partir da linguagem sobre o trabalho, tornando notório o lugar de fala e a imagem de si construída no discurso? Para tanto, desenvolve-se uma pesquisa exploratória e bibliográfica com abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos consistem na identificação dos indícios textuais deixados no discurso mediante as categorias de estatuto do enunciador e do destinatário, dêixis enunciativa e modo de enunciação, os quais demonstram como é criado o ethos da empregadora, além de verificar como a linguagem no trabalho constrói uma representação social das empregadas domésticas.

Analisar a representação do sujeito que desenvolve essa função possibilitando questionar a organização social do trabalho doméstico e a dimensão invisível que involucra esse fazer. Desse modo, as análises fundamentam-se teoricamente nas pesquisas de Yves Schwartz (2010) sobre a linguagem na atividade de trabalho, utilizando os conceitos de uso de si por si e pelos outros, debate e vazio de normas, bem como o uso dos saberes investidos; e Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c) sobre a construção do ethos a partir de uma semântica global.

Estruturalmente, o texto está assim organizado: na primeira seção, tratamos linguagem e trabalho a fim de estabelecer alguns conceitos necessários para a compreensão da experiência humana na atividade doméstica. Em seguida, abordamos os conceitos de cenografia e ethos discursivo para analisar os relatos das empregadas. A metodologia e a análise apresentam os dispositivos de interpretação e discussão de resultados encontrados; por fim, as considerações finais encerram provisoriamente a reflexão sobre linguagem e trabalho.

Ergologia: as dramáticas do uso de si no trabalho invisível

A Ergonomia de abordagem francesa colaborou para colocar a atividade humana no trabalho como objeto de estudo. Suas pesquisas verificaram que, entre o trabalho prescrito pelas normas antecedentes (manuais, regras de utilização de materiais e máquinas, divisão e organização do processo de trabalho) e o trabalho realmente feito, no momento exato de sua realização, existe uma distância. Essa distância é o dado inusitado do trabalho, é fruto da gestão própria, de si mesmo, do ser humano que trabalha, resolvendo os confrontos impertinentes à situação real de trabalho.

Assim, Duraffourg (2010, p. 68) afirma que

a finalidade do trabalho é exterior ao homem ao homem tomado enquanto indivíduo isolado: a atividade de trabalho é, de imediato, social: Ela permite a cada um se produzir como ser social, mas este processo não resulta de uma simples aplicação do prescrito. A situação real é sempre diferente daquilo que foi antecipado pelo prescrito. Estas diferenças entre o que é demandado e o que se passam na realidade devem ser geridas. E estas distâncias são irredutíveis: irredutíveis!

Essa distância é a prova da particularidade da atividade humana de trabalho. Conforme Freitas (2014, p. 2), “o fato é que a ergonomia da atividade foi se construindo com base na constatação dos efeitos nocivos produzidos pela administração científica do trabalho, cuja versão mais acabada ao final dos anos 40 tinha a face do taylorismo-fordismo”.

A Abordagem Ergológica do Trabalho (Ergologia) consiste no estudo do trabalho como

atividade humana.

O prefixo “ergo” origina-se de uma palavra grega que significa “ação, trabalho, obra”, apontando para a energia e vitalidade do trabalhador. Na Ergologia, portanto, a análise é feita tanto quanto possível “do ponto de vista daquele que trabalha” e se constitui no intuito de investigar o permanente debate de normas e de valores que renovam indefinidamente a atividade humana, concentrando-se sobre a relação que a pessoa estabelece com o meio no qual está engajada (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010a, p. 295).

Nesse sentido, as pesquisas sobre o trabalho ganham novas perspectivas e interdisciplinarmente Schwartz (2010a) investe em uma abordagem que busca compreender as relações de trabalho através da linguagem: a ergologia, definida como “aprendizagem permanente dos debates de normas e de valores que renovam indefinidamente a atividade” (SCHWARTZ, 2010a, p. 30).

Desse modo, a abordagem ergológica questionou uma sociedade marcada por velhos e por novos agravantes da crise do trabalho. De acordo com Soares Terceiro (2017, p. 42), essa área se propõe a desvelar “um tempo em que se prega a austeridade como forma de sobrevivência estatal e que conduz à precarização das relações de trabalho e adoecimentos”, o que os levou a questionar sobre o lugar das formas de resistência, de transgressão e de reinvenção dos espaços laborais.

Nessa apropriação da linguagem para compreender a atividade de trabalho, ela se torna um “elemento essencial na construção da ação e da significação, na afirmação das identidades profissionais, no planejamento, na coordenação, na negociação das atividades e das tomadas de decisão” (FAÏTA, 2002, p. 47). Desse modo, uma aproximação com os estudos discursivos e os estudos ergológicos de Schwartz (2010a) permite transformar o processo interativo no ambiente laboral e remete a uma forma de construção de si mesmo.

Sob o ponto de vista da filosofia, Nouroudine (2002, p. 17) aponta a relação linguagem e trabalho sob três modalidades: linguagem sobre o trabalho, linguagem no trabalho e linguagem como trabalho. Neste estudo, utiliza-se a linguagem no trabalho e sobre o trabalho. De acordo com Faïta (2002, p. 51), a fala no trabalho e a fala sobre o trabalho “são marcadas, tanto uma quanto a outra, pela relação que mantêm com a ação [...] a competência e os saberes dos sujeitos nos parecem incorporados simultaneamente às maneiras de dizer e às maneiras de agir orientadas a um objetivo comum”. No entanto, existe no trabalho uma parcela de linguagem que não participa diretamente da atividade específica por meio da qual um operador ou um determinado coletivo concretiza uma intenção de trabalho.

A diferença entre a atividade e a situação permitirá distinguir os lugares e as funções da linguagem como trabalho e os da linguagem no trabalho. Enquanto a primeira é expressa pelo ator e/ou coletivo dentro da atividade, em tempo e lugar reais, a segunda seria uma das realidades constitutivas da situação de trabalho global na qual se desenrola a atividade.

Os constituintes da situação de trabalho podem ir do mais próximo ao mais distanciado da atividade, nutrindo-se de dimensões social, econômica, jurídica, artística etc. Já para o linguista, cujo objeto de pesquisa seja o trabalho, a situação de trabalho irá englobar tanto o ambiente da atividade, as condições objetivas nas quais ela exerce, quanto as coerções de toda ordem que pesam sobre os atores (crenças, falas, emoções). Desse modo,

a interação entre os elementos materiais e simbólicos da situação de trabalho a partir de um centro de referência, que é o sujeito individual/coletivo, atribui a linguagem um papel privilegiado no processo de representação e de discriminação dos fatores pertinentes a um momento determinado para realizar o trabalho com eficiência e segurança (NOUROUDINE, 2002, p. 24).

Sendo assim, a linguagem no trabalho, que possui esse papel privilegiado no processo de representação, constitui a situação global, possuindo também uma necessidade de análise visando produzir saberes sobre o trabalho e sobre o sujeito pelo qual a atividade atravessa. O sujeito da ergologia reconfigura o trabalho, as normas de acordo com as necessidades impressas no momento. Nesse sentido, o sujeito da ação necessita ser considerado em relação ao seu discurso, pois, a partir do pressuposto da existência de uma linguagem que faz (como trabalho), uma linguagem circundante (no trabalho) e uma linguagem que interpreta (sobre o trabalho), torna-se possível conduzir uma análise tendo em mente essas distinções para conhecer a ação sobre o trabalho (NOUROUDINE, 2002).

Na ergologia, em toda a atividade e, portanto, em toda a atividade de trabalho, coloca-se em prática um saber pessoal, para preencher e gerir a distância prescrito/real. Esse saber é o resultado da história individual de cada um, sempre singular, ou seja, adquirida da própria experiência profissional e de outras experiências (social, familiar, cultural, esportiva, etc.) que remete a valores, à educação, em resumo, à própria personalidade de cada um. Conforme Trinquet (2010, p.100), “esse saber investido – que é um verdadeiro saber – é complementar do saber constituído. Eles constituem os dois lados de toda a atividade de trabalho, sua unidade dialética”. Assim sendo, para compreender e analisar uma situação de trabalho, devemos associar os saberes acadêmicos com os saberes da experiência daqueles que trabalham.

Conforme Souza e Silva (2014, p. 286), o uso das normas no ambiente laboral, ou mesmo em sociedade, torna-se necessário já que

É uma conquista de toda a sociedade humana, mas ela comporta também um risco, aquele de ser considerada como um fim em si, como um poder de antecipação absoluto, como uma tentativa de simplificar a atividade humana, ou seja, de prepará-la de tal forma pelos outros de modo que os trabalhadores, aqueles que teriam que executá-la, não teriam de pensar.

Diante disso, as normas regulam a atividade mas não deve ter um fim em si mesmas, apesar dos discursos de muitos gestores que apelam para “apenas fazer o predeterminado”. E, quando as situações de trabalho inesperadas acontecem, espera-se que o indivíduo utilize seu conjunto de valores, seus recursos pessoais para solucionar a demanda que extrapolou as normas. Por isso a tendência à renormalização é um fato universal. Como afirma Schwartz (2011, p. 138-139), “a necessidade de recriar normas, de renormalizar [...] para a saúde de cada humano no trabalho, reforça a impossível estandarização do agir”.

Assim sendo, os empregados realizam suas atividades a partir de ordens e procedimentos dos quais não são autores, que são prescritas ao trabalhador e a atividade seria a realização dessas tarefas. Porém, não há uma relação direta entre essas duas dimensões, ou seja, existem muitas lacunas entre o que é prescrito e o real. Assim, “este quadro se amplia ainda mais e nos faz presenciar uma corrosão ainda maior do trabalho contratado e regulamentado, que foi dominante ao longo do século XX, de matriz taylorista-fordista” (ANTUNES, 2011, p. 406). Nesse contexto, a Ergologia propõe os conceitos de normas antecedentes e renormalizações, buscando a análise e transformação das situações de trabalho. Para isso, o conceito de trabalho utilizado relaciona-se diretamente com o conceito de atividade industrial, que envolve sempre um debate de normas.

Nesse embate entre as normas prescritas e as renormalizações durante a atividade de trabalho, temos uma pessoa, como menciona Schwartz (2014, p. 260): “uma singularidade viva no tratamento de situações a viver”. Essa entidade, esse corpo-si faz uso de si por outros, quando interpelado pelas normas prescritas; e faz uso de si por si, quando as renormaliza em demandas especificadas e incontornáveis, que Schwartz (2014, p. 260) assim pontua: “nenhuma atividade industrial humana [...] poderia estar desprovida deste último”, ou seja, a atividade laboral está intrinsecamente relacionada ao uso do corpo si, às ações do ser humano.

Essa dimensão invisível do trabalho envolve debates e escolhas, e está sempre em re-

construção, pois à medida que as decisões, mesmo que parcialmente antecipáveis, “escapam” do previsto nos obrigam a renormalizar e recriar algo novo. A partir disso, pode-se, caracterizar toda atividade humana como um nó de debates entre normas antecedentes e tentativas de “renormalização” na relação com o meio. Como afirma Schwartz (2011, p. 34), todo trabalho possui “debates frequentemente invisíveis, sustentados em primeiro lugar sobre as normas operatórias, mas sem descontinuidade com as normas de vida que todo meio histórico veicula como misto de valores consensuais e valores contraditórios”. Sendo assim, todo trabalho comporta uma parte invisível, parte irredutivelmente enigmática desse fazer, que pode estar associada à dramática do uso de si pelos outros e por si mesmo através do uso do corpo-si.

A entidade corpo-si, denominada por Schwartz (2014), transgride às fronteiras entre o biológico e o histórico, mesmo que comporte a busca pela saúde física e mental, ou ainda a conversação de suas memórias. Isso quer dizer que esse corpo-si traz uma tríplice ancoragem, conforme Schwartz (2014, p. 264):

- biológica: esse corpo dado no nascimento, com suas potencialidades e seus limites, traz uma busca de saúde ainda genérica e indeterminada;
- histórica: mediante o debate de normas (por si/por outros) que constituem a própria instância dessas dramáticas e só adquirem sentido num momento particular da história;
- singular: na experiência de vida de cada pessoa, cuja negociação de dramáticas próprias opera como agir de um corpo físico pessoal, um corpo desejante, em permanente tentativa de “composição” e de apropriação desse seu suporte de vida, a fim de responder aos encontros e provas. É no cerne desse corpo si singular que se infiltra a relação variável de cada um com o “mundo de valores” que vai além dele, mais ou menos, a depender da pessoa.

Nesse sentido, a dramática dos usos de si por si e pelos outros, ancorada na biologia, na história e na singularidade de cada sujeito irá renormalizar as normas antecedentes. Para compreender essa dramática, este estudo busca redescobrir o invisível do trabalho doméstico e como afirma Schwartz (2011, p. 32): “restituir à atividade doméstica a condição de ‘trabalho’ é reequilibrar a nossa visão da vida social e familiar, e também aprofundar a abordagem do trabalho ‘em geral’, fazendo-nos refletir sobre o que é, então ‘invisível’ nesse trabalho e, a partir daí, em todo o trabalho”. Assim, com esse propósito, o texto da próxima seção dispõe de algumas considerações sobre a cenografia e o ethos discursivo.

A cena enunciativa e o ethos discursivo: imagens de si no discurso

Em *Doze conceitos em análise do discurso*, Maingueneau (2010) contribui para esclarecer um conflito terminológico separando em dois planos a atividade discursiva: o plano da enunciação elementar e o plano do texto. No plano de enunciação elementar, encontramos a noção de “situação de comunicação” entrelaçada com Benveniste, tratando a situação como coordenadas abstratas, puramente linguísticas que irão possibilitar todo e qualquer enunciado. Essa noção afasta a possibilidade de interpretar a palavra situação, por exemplo, como o entorno físico. Dentro dessa perspectiva, a situação de enunciação comporta as posições de enunciador, coenunciador e a não pessoa (MAINGUENEAU, 2010, p. 201). A primeira, a posição de enunciador, remete a um marco de referência e modalização enquanto que a posição de coenunciador cria a alteridade da enunciação; a não pessoa é apresentada como uma posição que não pode assumir um ato de enunciação.

A situação de enunciação compreende posições e lugares, que não coincidem necessariamente com lugares ocupados na troca real entre as pessoas. Maingueneau (2010) distingue

três posições da situação de enunciação e três lugares que o autor chama de situação de locução: “o lugar do locutor, daquele que fala; o lugar do alocutário, daquele a quem se dirige a fala; o lugar do delocutado, daquele do qual falam os interlocutores” (MAINGUENEAU, 2010, p. 202).

Passamos agora para o segundo plano da atividade discursiva, o plano do texto. Percebemos que para o texto quatro termos estão em concorrência: o contexto, a situação de discurso, a situação de comunicação e a cena de enunciação. O contexto, de acordo com Maingueneau (2010, p. 204), “recobre de uma só vez o contexto linguístico [...], o meio físico da enunciação, e os saberes partilhados pelos participantes da interação verbal”. Esse termo torna-se abrangente demais e, em uma perspectiva do estudo de textos, se revela mais cômoda a utilização dos termos situação de comunicação e de cena de enunciação.

A situação de comunicação consiste em algo que é exterior, a uma situação de discurso indissociável do texto. Desse modo, os enunciadores, ao participar de uma atividade discursiva, retiram seu repertório de uma variedade de possibilidades e a cada gênero do discurso são associadas normas desses domínios. A cena de enunciação, por sua vez, é considerada como do interior, através da situação que a fala pretende definir. De acordo com Maingueneau (2010, p. 204), “um texto é, na verdade, rastro de um discurso no qual a fala é encenada”.

A cena de enunciação compreende três cenas: a cena englobante, a cena genérica, a cenografia. A primeira corresponde ao tipo de discurso, religioso, político etc.; a segunda trata de gêneros de discurso específicos, e a última, por sua vez, é constituída pelo próprio texto, não apenas como uma moldura, um quadro, pertencente ao espaço físico, mas sim um espaço legitimado pela própria enunciação, isto é, [...] a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir o seu próprio dispositivo de fala (MAINGUENEAU, 2004, p. 87).

Desse modo, uma cena genérica rotineira pode ser enunciada por meio de uma cenografia que se afaste dessa rotina. A cenografia torna-se desse modo “aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra: ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-lo” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 71). A cenografia e o ato de tomar a palavra implica um ethos. Uma voz que no discurso é revestida por um corpo.

Esse termo, ethos, advém da concepção aristotélica que, conforme comenta Maingueneau (2008c, p. 56), “consiste em causar uma boa impressão mediante a forma com que se constrói o discurso, em dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança”. Desse modo, ethos, diz respeito à construção de uma imagem de si por meio do discurso. A concepção discursiva de ethos, neste estudo, advém da semântica global (MAINGUENEAU, 2008a). Conforme Possenti (2011, p. 150), “a semântica global de um discurso também define um ethos característico (doce, duro, irônico) e, em decorrência, em boa medida, seu léxico, que, por sua vez, é um dos elementos que dão concretude ao ethos”.

A semântica global foi proposta por Maingueneau (2008a), em seu livro *Gênese dos Discursos*, de 1984, em que sete planos enunciativos - intertextualidade, vocabulário, temas, estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, modo de enunciação e modo de coesão – integram-se para formar uma semântica. Desse estudo depreendem-se também as questões sobre a cenografia, que juntas todas essas categorias são capazes de determinar o ethos discursivo.

Em *Gênese dos discursos*, Maingueneau (2008a) apresenta esses sete planos enunciativos como ilustradores de uma “variedade das dimensões abarcadas pela perspectiva de uma semântica global” (MAINGUENEAU, 2008a, p.77), mas sem constituir um modelo genérico possibilitando ao analista isolar ou repartir as divisões propostas.

O primeiro plano apresentado pelo teórico é a intertextualidade, entendida “como o conjunto de fragmentos efetivamente citados por um discurso” (SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2009, p.10). Esse plano difere da interdiscursividade, pois deixa marcas na materialidade linguística. Já em relação ao estatuto do enunciador e do destinatário, por sua vez, é um plano que irá depender “da competência discursiva que instaura o estatuto que o enunciador deve se conferir e o estatuto que ele confere a seu coenunciador, para legitimar o seu dizer” (MAINGUENEAU,

2008a, p. 87)

Todo discurso possui marcas de espaço e de tempo, não concretas (como datas e locais), mas sim, marcas do estatuto discursivo dos enunciadores. A dêixis “define uma instância de enunciação legítima que o discurso constrói para autorizar sua própria enunciação” (MAIN-GUENEAU, 2008a, p. 89), e de fato define a cena e a cronologia que o discurso constrói para legitimar a sua enunciação.

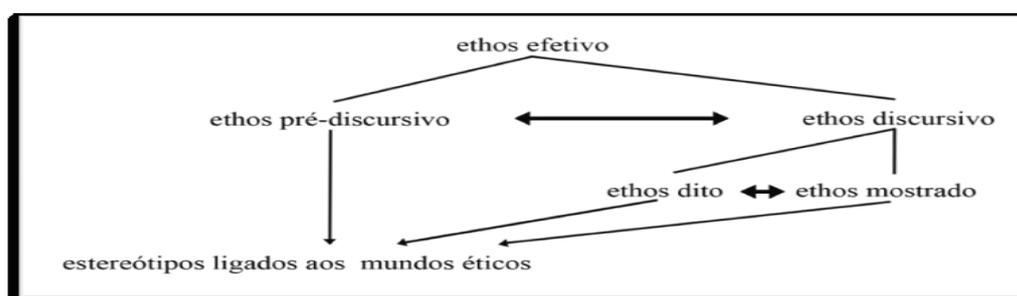
O discurso também possui uma característica específica que diz respeito à “maneira de dizer”, que é o plano chamado de o modo de enunciação. Nesse plano, podemos perceber que os discursos possuem um certo “tom”, uma “vocalidade” capaz de dar corporalidade ao enunciador e dessa forma o sentido, na semântica global, implica uma maneira de dizer e de ser.

Essa imagem criada pelo enunciador no discurso está revestida por uma corporalidade e um “tom”. Esse “tom” irá valer tanto para discursos escritos como orais, e será ele que conferirá a representação subjetiva do corpo do enunciador. Dessa maneira, o discurso, junto com a cenografia, é composto por uma imagem e essa imagem por um tom, uma voz e um corpo. Sendo assim, é pelo próprio ato de enunciar que o enunciador constrói a legitimidade de sua enunciação, revelando através dela um caráter e uma corporalidade. Porém, conforme comenta Freitas (2011, p. 54), quando Maingueneau (2008) refere-se à figura do enunciador, “o faz dissociando-o da pessoa empírica que enuncia, isto é, o autor se refere a um ser de discurso que se institui por intermédio do próprio discurso”.

O ethos, portanto, não é uma característica inerente e exclusiva do enunciador, no qual o destinatário, por intermédio de um processo chamado incorporação (Maingueneau 2001, 2008b), assimila também um ethos. Assim como a cenografia, o ethos se configura por meio de seu próprio enunciado em que o enunciador deve legitimar sua maneira de dizer, não sendo possível dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala.

Quando se pensa em ethos discursivo, logo se vincula a resultados da interação de diversos fatores: ethos pré-discursivo (ethos prévio), ethos discursivo (ethos mostrado), mas também “os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (ethos dito)” – diretamente – “é um amigo que lhe fala” ou “indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo” (MAINGUENEAU, 2011, p. 18, grifo do autor). A Figura 1 ilustra o ethos efetivo e possibilita a compreensão da dinâmica e da complexidade estabelecida na construção do ethos.

Figura 1. Constituição do Ethos conforme Maingueneau (2008)



Fonte: Maingueneau (2008, p. 71)

O ethos é parte constitutiva da cena enunciativa e possui em seu interior diversas vozes e forças sociais que atuam em seu discurso. Assim, a próxima seção é dedicada à topicalização dos dispositivos de análise que envolve a construção do ethos discursivo, em especial, a imagem de empregada doméstica.

Roteiro Metodológico

Este estudo recorre às recomendações de Prodanov e Freitas (2013) quanto ao procedimento metodológico, sendo assim, a pesquisa é aplicada, exploratória e descritiva, seguindo procedimentos técnicos bibliográficos e documentais, com abordagem qualitativa. O *corpus* de

pesquisa corresponde a sequências discursivas recortadas do livro *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada de Preta-Rara*. Essa obra reúne relatos feitos em uma rede social por mulheres que desempenharam a função de empregada doméstica em algum momento de suas vidas.

O critério de escolha do objeto de estudo foram dois relatos de experiências distintas no ambiente de trabalho doméstico, nos quais foi possível identificar a dimensão invisível do trabalho doméstico, assim como o uso do corpo-si e suas dramáticas para preencher um vazio de normas deixado pelas empregadoras. A escolha desse objeto se dá pela relevância social do *corpus*, em um discurso invisibilizado pelo trabalho, pela posição social na qual essas mulheres estão inseridas e marginalizadas.

Sendo assim, essa materialidade revela uma distância entre a tarefa e a atividade realizada e a Ergologia propõe os conceitos de normas antecedentes e renormalizações que são úteis nesta pesquisa, pois através deles, busca-se a análise e transformação das situações de trabalho. Para isso, o conceito de trabalho utilizado relaciona-se diretamente com o conceito de “atividade industriosa”, que envolve sempre um “debate de normas”. Portanto, observa-se o constante embate entre as “normas antecedentes” e as “renormalizações” (Schwartz 2010a).

No sentido de organizar os procedimentos de análise, valemo-nos neste estudo do paradigma indiciário, um modelo epistemológico atualmente utilizado em muitas pesquisas qualitativas, que, segundo Ginzburg (1989), emergiu no âmbito das ciências humanas no final do século XIX. O paradigma indiciário remete “[...] a um modelo epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de métodos ou termos-chave” (GINZBURG, 1989, p. 170). O ponto essencial desse paradigma é o fato de que “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (Ginzburg 1989: 177).

Assim, a análise será desenvolvida mediante a:

- a) informação das histórias das empregadas domésticas constam cenas enunciativas, que são configuradas cenografias possibilitando construir uma imagem de si – ethos discursivo;
- b) abordagem dos conceitos de linguagem e trabalho entremeados pelos conceitos enunciativo-discursivos da semântica global;

Na Figura 2, mostramos o enlaçamento entre ergologia e semântica global.

Figura 2. Ergologia e Semântica global: dispositivo de análise



Fonte: elaborada pela pesquisadora

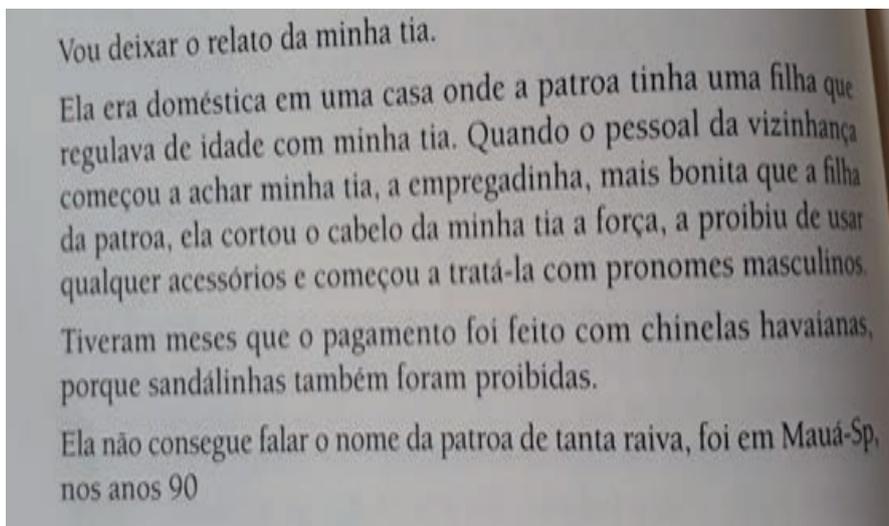
A partir da exploração desses conceitos, é possível perceber que os indícios da semântica global viabilizam não apenas analisar as ideias expostas no discurso, mas também observar como elas funcionam e se relacionam com o mundo do trabalho. O corpo-si age na atividade de trabalho renormalizando o prescrito e criando a cenografia do ethos discursivo da empregada doméstica.

Ela, empregada doméstica: relatos de uma situação de trabalho

A relação das empregadas domésticas com seu trabalho na sociedade atual é um reflexo

do trabalho dos escravizados, mantém-se os mesmos protocolos de não poder se alimentar na casa do patrão, dormir no chão, ser assediada, enfim essas mulheres são mantidas em situações análogas à escravidão. Esses aspectos se relacionam à imagem de posse que os empregadores projetam a suas empregadas, além da objetificação de seus corpos. Na sequência 1, observamos um relato que exemplifica essa relação do corpo/luta/sobrevivência:

Imagem 1. Relato de empregada doméstica 1



Fonte: Preta-Rara (2019. p. 102)

Nesse relato, vemos que o sentimento de posse pela empregada extrapola o “aceitável” pela sociedade. Sabe-se que muitos maus tratos são cometidos nas “casas de família” onde as meninas muito novas vão trabalhar como empregada doméstica, mas o que fica evidente aqui é a total falta de limites em relação ao corpo do outro, como se empregar alguém, pagar por seus serviços, fosse o suficiente para determinar como se vestir, cortar o cabelo ou como se comportar. Esse relato configura uma cena enunciativa em que a patroa, seguida pela raiva por sua empregada ser considerada como mais bonita do que a filha, para os padrões dos vizinhos, toma a decisão de cortar o cabelo à força, além de “proibir” o uso de acessórios.

Nas instâncias da enunciação temos três cenas distintas: a cena englobante (discurso narrativo com a finalidade de contar uma história); cena genérica (gênero relato de memórias) e a cenografia, composta por todo um quadro cênico da história: menina bonita vai trabalhar como empregada e na casa da patroa há uma outra menina, filha desta, considerada feia. A cenografia é instituída pelo próprio discurso e, conforme Maingueneau (2004 p. 89), “existe também uma grande diversidade de cenografias que permitem apresentar-se como narrador de um romance e construir o perfil de seu leitor”. Assim, nesse relato, o hiperenunciador apresenta-se como enunciador e, ao relatar, constrói o perfil do leitor empático que ficará chocado com tal história.

Nessas narrativas, o papel de narrador, feito pela sobrinha, se apaga para participar de uma história compartilhada por esse narrador com a sua tia, empregada doméstica, (vou deixar o relato da minha tia, uso do pronome “ela”) e pelo narratário¹ (leitores da obra), membros de uma mesma comunidade cultural. Segundo Maingueneau (2008c, p. 109),

O hiperenunciador aparece como uma instância que, por um lado, garante a unidade e a validade da irredutível multiplicidade dos enunciados[.], por outro, confirma os membros da comunidade em sua identidade, pelo simples

¹ O termo narratário aparece na obra *Cenas da Enunciação* de Maingueneau (2008c). Neste estudo, não utilizaremos essa terminação.

fato de eles manterem uma relação privilegiada com ele.

Sendo assim, podemos assumir que as práticas de participação estão ligadas por esse porta-voz, denominado por Maingueneau (2008c) como hiperenunciador. Essa figura faz parte da cenografia e garante aos leitores (destinatário) a veracidade dos fatos, além de perpetuar as memórias da classe trabalhadora. Além disso, faz emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de “fiador do que é dito” (MAINGUENEAU, 2004, p. 98).

Essa instância, o fiador, é aquele que se revela no discurso, quando dotado de “propriedades físicas (corporalidade) e psicológicas (caráter)” se constitui de representações baseadas no estereótipo julgado pela sociedade (MAINGUENEAU, 2008b, p. 14). Assim sendo, a maneira de dizer, é também a maneira de ser, possibilita a adesão do leitor, expressa pelo conceito de incorporação que, de acordo com Maingueneau (2008b, p. 14), exerce três finalidades: “a enunciação confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá corpo; o destinatário incorpora, assimila através da enunciação um conjunto de esquema que corresponde a uma maneira específica de se relacionar com o mundo”. Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso.

Além disso, a incorporação pressupõe um mundo ético do qual o fiador participa, isto é, pressupõe cenários estereotipados alusivos a elementos verbais e não verbais. Como no caso do relato analisado, temos o cenário estereotipado da sociedade que confronta dois sujeitos distintos para julgar a beleza ou a ausência dessa característica física, percebidos verbalmente pela expressão “mais”, a menina era mais bonita que a filha da patroa. As visões de mundo, as opiniões dos vizinhos, fizeram com que a patroa tomasse o corpo da empregada como sua posse e decidisse como transformá-lo para que os julgamentos de ser “mais” bonita recaíssem sobre sua filha.

Desse modo, percebe-se que

não é o trabalho, em sua função fundamental e ontológica, que acarreta essas perversões, mas sim as condições de trabalho que são impostas. Condições, por sua vez, imputadas pelos próprios Homens. Nesse caso, os Homens podem mudá-las, podem fazê-las evoluir favoravelmente ao interesse de todos e não somente ao interesse egoísta e perigoso de uns poucos (TRINQUET, 2010, p. 111).

Essas perversões, conforme Trinquet (2010), são impostas pela patroa e não pelo trabalho desenvolvido (ter cabelo curto ou não usar acessórios não faz parte das normas estabelecidas para realizar as tarefas domésticas). Ao mesmo tempo, a sociedade tem o poder de não permitir tais comportamentos e evoluir no modo como conduz a relação empregador e empregado.

Nesse trecho, ocorre o que Schwartz e Durrive (2010) denominam “infidelidade do meio”, já que esse tipo de ação não diz respeito ao universo do trabalho da empregada doméstica. Logo, essa infidelidade deve ser gerida como um “uso de si” na qual é preciso que o sujeito escolha, mesmo que signifique perder sua identidade e liberdade. Assim, Schwartz (2011, p. 41) menciona que “a parte da invisibilidade, a parte do impalpável, a parte de debates de normas e de ‘dramáticas’, sempre existiram no fazer industrioso humano”, ou seja, a invisibilidade do trabalho doméstico é histórica, assim como a opacidade das normas e da linguagem. Não há transparência na atividade de trabalho e na linguagem, mas no relato percebe-se que a empregada doméstica não ganhou visibilidade por sua atividade no trabalho, sua execução ou ainda a subjetividade que renormaliza o vazio de normas, pois o que ganhou visibilidade foi a aparência física, punida com o corte de cabelo à força e o uso de acessórios masculinos.

Do ponto de vista discursivo, o “tom” dominador da patroa é dado pelas proibições. Sob a perspectiva enunciativa, essas posições ocupadas pelos personagens discursivos bem como a estrutura de trabalho definem-se, também, por meio da instância organizada no tempo e

no espaço, em que, no primeiro, temos uma lembrança traumática do passado em que ela trabalhava naquela casa (era empregada, tinha uma filha, nos anos 90) e o espaço (a casa da patroa em Mauá- SP). Assim, pela dêixis enunciativa, a imagem da empregada encontra-se duplamente refletida no ambiente de trabalho: historicamente, seu ethos constitui a inferioridade; na atualidade, as coerções constitutivas da casa onde sua tia trabalhou fazem-na uma enunciadora dos abusos ainda cometidos pelos empregadores.

Esse modo de ser e agir da patroa, inadequado ao meio, abusivo, autoritário, é dado pela cenografia que evidencia o ethos abusivo da patroa e o ethos subserviente da empregada, que aceita esse tratamento pelas coerções da atividade de trabalho, mas desenvolve um trauma, uma lembrança que ainda gera sentimentos de raiva e dor. Nesse excerto, temos o ethos prévio (empregadas domésticas são maltratadas), ethos dito (ela não consegue falar o nome da patroa de tanta raiva), e o ethos mostrado (proibições de ordem pessoal com o intuito de masculinizar a empregada para que parecesse feia em comparação com a filha da patroa). Assim, o ethos efetivo que resulta da interação entre essas esferas, é um ethos de empregada visível pelo físico, empregada bonita, mas invisível pelo trabalho que executa, sendo assim uma empregada disfuncional, que não cumpre a sua principal função. Na análise temos o seguinte quadro resumo:

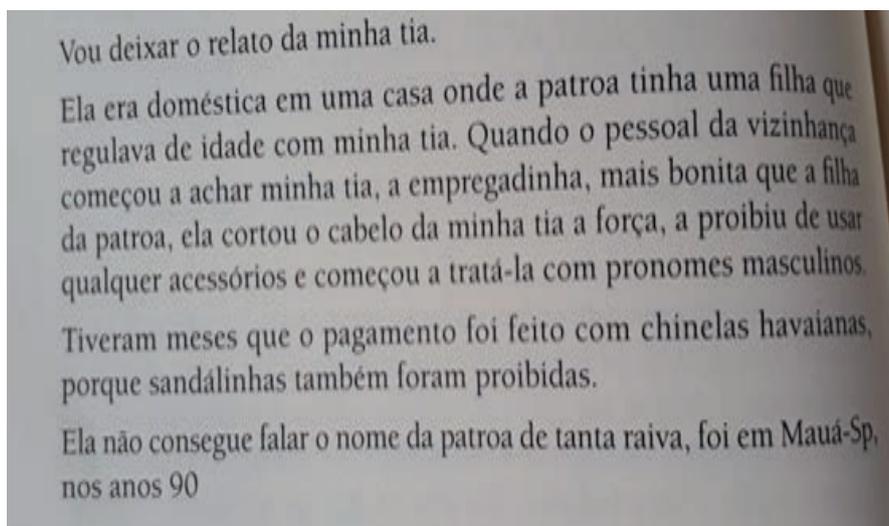
Quadro 1. Análise da Imagem 1

CENOGRAFIAS	ETHOS DISCURSIVO
Sobrinha relata história ocorrida com a tia, quando esta era empregada doméstica	Ethos de testemunha
Patroa corta cabelo da empregada à força	Ethos de empregadora abusiva
Empregada sofre abusos por ser considerada mais bonita do que a filha da patroa	Ethos de empregada disfuncional

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Na sequência 3, consta a história de uma copeira:

Figura 3. Relato de empregada doméstica 2



Fonte: Preta-Rara (2019. p. 85)

Nesse relato, novamente contado em terceira (3ª) pessoa do singular (ela trabalhava, precisou), percebe-se que a empregada desempenha sua função apesar de uma cirurgia no

joelho, levando a execução do trabalho prescrito ao limite do saudável.

O enunciador (hiperenunciador como no outro relato) é alguém que conviveu com a empregada enquanto ela era copeira, mas que soube da história que viveu no passado (trabalhava desde os 14 anos em SP, em uma casa de família). A imagem abstrata construída no e pelo discurso – pelo fiador – constitui-se de duas propriedades: caráter e corporalidade. “O caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à corporalidade, ela é associada a uma compleição física e a uma forma de vestir. Além disso, o ethos implica uma forma de mover-se no espaço social, uma disciplina tácita do corpo, apreendida por meio de um comportamento” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 65). Quem dá esse caráter à empregada doméstica é o hiperenunciador que relata a história, além da dêixis enunciativa, tempo passado, e do lugar (casa de família em SP) constituem a cenografia desse discurso.

Sobre as cenas da enunciação, temos a cena englobante (discurso narrativo com a finalidade de contar uma história); a cena genérica (gênero relato de memórias) e a cenografia, composta por todo um quadro cênico da história: empregada opera o joelho, mas é obrigada a continuar trabalhando ao invés de se recuperar em repouso, em sua casa. Como no relato anterior (1), a função do hiperenunciador é aproximar-se do leitor através de uma história chocante de abuso no local de trabalho, criando catarse, empatia e dando visibilidade ao trabalho da empregada doméstica e aos sacrifícios feitos por ela para se manter no emprego. Aponta para a precarização do trabalho, mais especificamente a economia no emprego, como afirma Marx (1974, p. 97) em *O capital*,

O capital tem a tendência a reduzir ao necessário o trabalho vivo diretamente empregado, a encurtar sempre o trabalho requerido para fabricar um produto — explorando as forças produtivas sociais do trabalho — e, portanto, a economizar o mais possível o trabalho vivo diretamente aplicado. Se observamos de perto a produção capitalista, abstraindo do processo de circulação e da hipertrofia da concorrência, verificamos que procede de maneira extremamente parcimoniosa com o trabalho efetuado, corporificado em mercadorias.

Nesse relato ora analisado, vemos uma tentativa de aplicar a tendência capitalista de se reduzir ao mínimo a dimensão humana e viva do trabalhador, em detrimento da necessidade de manter o emprego (a empregada poderia fazer apenas os serviços leves), porém continua dirigindo o máximo de trabalho e esforço requerido para fabricar o produto (a casa limpa, as roupas passadas). O trabalho da empregada doméstica é, dessa forma, corporificado em mercadoria, junto com o corpo do sujeito empregado na função. Mas quais seriam os motivos de se submeter a tamanha dor, esforço e dedicação ao trabalho? Porque, talvez, conforme afirma Antunes (2011, p. 407), “o capital desemprega cada vez mais trabalho estável, substituindo-os por trabalhos precarizados, que se encontram em enorme expansão no mundo agrário, industrial e de serviços, bem como nas múltiplas interconexões existentes entre eles, como na agroindústria, nos serviços industriais ou na indústria e serviços”. Nesse contexto, de desemprego ou empregos precarizados (como da diarista, que faz o trabalho doméstico, mas recebe por diária, ao invés de possuir um vínculo empregatício consistente na casa em que trabalha), a empregada da história (imagem 2) sacrifica o corpo para manter o emprego estável que possuía.

Sabemos que o trabalho prescrito pressupõe um conjunto de condições e exigências a partir das quais a tarefa deverá ser realizada, e inclui tanto as condições determinantes de uma situação de trabalho (ambiente físico, matéria-prima, equipamentos etc.) quanto as prescrições (normas, ordens, manuais, metas e objetivos, resultados a serem obtidos etc.). Assim sendo, de acordo com Schwartz (2010), o enfoque ergológico critica as abordagens que consideram o trabalho como uma mera execução de uma prescrição, dos procedimentos estabelecidos, como se existisse uma divisão transparente entre os que planejam e os que executam

dada tarefa. No caso da empregada doméstica, ela devia passar as roupas e fazer os serviços mais leves enquanto estivesse em recuperação. Espera-se que as tarefas sejam bem executadas apesar da situação pela qual o indivíduo esteja passando.

Observa-se, dessa maneira, as prescrições das normas, que se estabelecem sobre o trabalho doméstico, implicam significativamente no que Schwartz (2010a) denomina “dramáticas da atividade”, porque podem ocorrer de maneira mais ou menos conflituosa, conforme a correlação de forças entre o grau de exigência das solicitações externas ao sujeito, como é possível observar no trecho: “ela morava na casa dos patrões e foi obrigada a continuar a fazendo os serviços mais leves, como passar roupas”. A exigência dos patrões era alta, afetava a recuperação da empregada, mas a preocupação era a de que o trabalho fosse feito e a empregada cumpriu, conforme o excerto: “como ela não conseguia ficar em pé, passava a roupa ajoelhada, apoiada apenas no joelho bom, enquanto o outro estava engessado”. Mesmo que ela seguisse a norma, de executar as tarefas mais leves, como passar a roupa, por causa de sua condição no momento, a empregada renormalizou o prescrito no exercício da atividade (passava a roupa ajoelhada), para que pudesse executar a tarefa apesar das suas limitações físicas.

Desse modo, conforme Schwartz (2002, p. 135), “toda atividade é sempre, e em todos os graus imagináveis entre o explícito e não-formulado, entre o verbo e o corpo, entre a história coletiva e o itinerário singular, o lugar de um debate de normas [...]”. Sendo assim, nesse relato, há um conflito entre o corpo, o sujeito e as normas prescritas, em que a saída para manter o processo é o sacrifício do corpo. Isso leva ao conceito de trabalho invisível, já que, por mais que o sujeito esteja no seu limite físico e psicológico (sofreu vários abusos na casa da família), o trabalho está feito ao final do dia, sem que ninguém perceba o sujeito que o executou em condições de extremo sofrimento. Como menciona Schwartz (2011, p. 41): “o que é trabalho, o quanto ele custa, em termos de atividade corporal, mental social, torna-se cada vez mais um ponto cego da vida coletiva”, em que o que se procura é o produto do trabalho e não uma reorganização social.

Na construção da cenografia desse relato, constatamos uma relação de trabalho abusiva que não promove o bem-estar do funcionário. Assim, a imagem evidenciada no discurso mostra a atividade como um processo de execução, em que a obrigação da patroa é prescrever e a da funcionária é a de executar mesmo que isso custe a saúde física e mental da empregada. Assim, o ethos discursivo dividido em três aspectos revela-se da seguinte forma: 1) ethos prévio: deve-se sacrificar corpo e mente para manter um emprego estável; 2) ethos dito: “ela sempre sofreu alguns excessos por parte da família”; 3) ethos mostrado: revela uma empregada invisível, que anula sua subjetividade pelas coerções do mundo laboral, mas que executa as tarefas sem que os patrões percebam as dificuldades por trás das ações. Desse modo, através da imagem que o hiperenunciador cria da copeira no discurso, temos o seguinte resumo no Quadro 2.

Quadro 2. Análise da Imagem 2

CENOGRAFIAS	ETHOS DISCURSIVO
Colega de trabalho relata história ocorrida com uma copeira, quando esta era empregada doméstica em uma casa de família	Ethos de testemunha
Patroa força empregada a trabalhar mesmo com cirurgia recente no joelho	Ethos de empregadora abusiva
Empregada sofre abusos para manter o emprego	Ethos de empregada desumanizada

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Nesse sentido, o trabalho é um misto de visível e invisível, conforme Daniellou (1996, p. 1, grifo do autor) aponta:

Em suas atividades, os homens ou as mulheres tecem no trabalho. Em relação à *trama*, os fios os religam a um processo técnico, a propriedades da matéria, das ferramentas ou dos clientes, às políticas econômicas – elaboradas eventualmente em um outro continente –, às regras formais, ao controle de outras pessoas... Em relação à *cadeia*, aqui religados à sua própria história, a seu corpo que aprende e que envelhece; a uma multidão de experiências de trabalho e de vida; a muitos grupos sociais que lhes ofertaram saberes, valores, regras com os quais eles produzem dia após dia; aos parentes também, fontes de energia e de preocupações; aos projetos, desejos, angústias, sonhos.

Poderíamos aproximar esta oposição da “trama” ao “visível” do trabalho; e a “cadeia”, ao menos visível ou ao invisível do trabalho, com os discursos sobre o trabalho das empregadas domésticas, em que a trama ocorre no processo de limpeza, na organização da casa, nas normas prescritas pelos patrões. Quanto à cadeia, são as suas histórias, mesmo que contadas por outros, que evocam memórias. São os corpos invadidos e levados ao extremo para a execução do trabalho e aos saberes e valores do grupo de empregadas domésticas que são passados de geração em geração. Assim, concluímos a análise com os Quadros 1 e 2 que engendram as relações ergológicas e discursivas na constituição dos *ethos* discursivos, como imagens de si por outros, já que são relatos feitos por testemunhas, das empregadas domésticas: na imagem 1, *ethos* de empregada disfuncional; na imagem 2, *ethos* da empregada desumanizada. Na sequência, trazemos as considerações finais com a discussão dos resultados.

Considerações Finais

O tema deste artigo é a relação que a linguagem e o trabalho possuem no ambiente laboral de uma empregada doméstica. Este estudo apresentou uma interface entre a temática Ergologia, Linguagem e Trabalho (SCHWARTZ, 2010, 2011, TRINQUET, 2010; NOUROUDINE, 2002) com a teoria enunciativo-discursiva de Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2010, 2019) com o objetivo de descrever e analisar a cenografia e o *ethos* construído a partir de relatos de duas testemunhas que contam histórias de empregadas domésticas reunidos na obra *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada, de Preta-Rara*.

Assim, a questão problematizadora que norteia este estudo foi assim enunciada: Como caracterizar o *ethos* da empregada doméstica a partir da linguagem sobre o trabalho, tornando notório o lugar de fala e a imagem de si construída no discurso? Para tanto, desenvolve-se uma pesquisa exploratória e bibliográfica com abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos consistem na identificação dos indícios textuais deixados no discurso mediante as categorias de estatuto do enunciador e do destinatário, da dêixis enunciativa e do modo de enunciação que demonstram como é construído o *ethos* da empregadora, além de verificar como a linguagem sobre o trabalho constrói uma representação social das empregadas domésticas. Assim, analisar a representação do sujeito que desenvolve essa função é questionar a organização social do trabalho doméstico e a dimensão invisível que involucra esse fazer.

A análise, fundamentada teoricamente nas pesquisas de Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c), sobre a construção do *ethos* a partir de uma semântica global e Yves Schwartz (2002), sobre a linguagem na atividade de trabalho permitiu-nos comprovar que essas categorias linguístico-discursivas viabilizam identificar e analisar os saberes sobre a atividade expressa pelos indivíduos em situações de trabalho. Do mesmo modo que a concretização do objetivo de estudo foi possível por meio da elaboração do roteiro metodológico, o qual contemplou em sua organização a funcionalidade de conceitos advindos da teoria linguístico-discursiva, partindo das cenografias criadas no discurso para a constituição dos *ethos*. Ficou evidenciada no discurso, a imagem de empregada doméstica, no recorte analisado que mostra

a atividade como um processo de execução, em que a obrigação da patroa é prescrever e a da empregada é a de executar, mesmo que isso afete sua humanidade. É no uso de si e o uso de si pelos outros que reside a complexidade da atividade e o ethos discursivo é revelado à medida que todos os planos são avaliados em determinado discurso. Estatuto do enunciador e do destinatário (coenunciador), dêixis discursiva, modo de enunciação e a escolha lexical são propriedades da construção da “imagem de si”.

Este estudo contribui, nesse sentido, para perceber a complexidade da linguagem na atividade e as posições hierárquicas ocupadas pelos indivíduos, bem como as coerções que o mercado laboral impõe. Para os estudos do discurso, a pesquisa traz a interface com a ergologia como uma possível abordagem às questões enunciativas e discursivas. Do mesmo modo que para a sociedade esta pesquisa reconhece o trabalho invisível das empregadas domésticas, e seus abusos, para dar voz às mulheres que desempenham essa função em busca de valorização e respeito.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?**. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 107, p. 405-419, jul./set. 2011.

DANIELLOU, François. **L'ergonomie en quête de ses principes**. Toulouse: Octarès, 1996.

DURAFFOURG, J. O trabalho e o ponto de vista da atividade. Uma conversa entre Jacques Duraffourg, Marcelle Duc e Louis Durrive. Tradução Ana Luiza Telles e Eliza Echternacht. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Niterói: EdUFF, 2010.

FAÏTA, Daniel. Análise das práticas languageiras e situação de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, M.C.P.; FAÏTA, D. (Org.). **Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. Tradução Inês Polegatto, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2010. p. 45-60

FREITAS, Ernani Cesar de. As práticas de linguagem no e sobre o trabalho: discursos da prescrição na atividade docente. In: **XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)**, 2014, João Pessoa - PB. Estudos Linguísticos e Filológicos. João Pessoa: ALFAL, 2014. v. 1. p. 1-15.

FREITAS, Ernani Cesar de. **Práticas de linguagem na atividade de trabalho: cenografia e ethos em discursos socioprofissionais**. ALED, Revista Latinoamericana de Estudios Del Discurso, Colombia, v. 11, n. 2, p. 49-68, 2011.

FREITAS, E. C.; FACIN, D. **Semântica global e os planos constitutivos do discurso: a voz feminina na literatura de Rubem Fonseca**. Desenredo (PPGL/UPF), v. 7, p. 198-218, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. (1984). **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. (2005). Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. (2006). **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008c.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução Adail Sobral et

al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (Org.). **Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. Tradução Inês Polegatto, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-30.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RARA, Preta. **Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e ergologia. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. (Org.). **Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. ed. Niterói: Ed. da UFF, 2010a. p. 25-46.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. In: SCHWARTZ, Yves. (Org.). **Trabalho e ergologias: conversas sobre a atividade humana**. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. ed. Niterói: Ed. da UFF, 2010b. p. 187-204.

SCHWARTZ, Yves. A linguagem em trabalho. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2.ed. Niterói: Ed. da UFF, 2010c. p. 131-148.

SCHWARTZ, Yves. **Conceituando o trabalho, o visível e o invisível**. Trab. educ. saúde (Online) [online], 2011, vol.9, suppl.1, pp.19-45.

SCHWARTZ, Yves. **Motivações de conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 259-274, jul./set. 2014.

SOARES TERCEIRO, Clúvio Buenno. **Aprendizagem e imprendizagem: trajetórias profissionais e relação com o saber na atividade de trabalho na panificação e na confeitaria**. 2017. p. 307. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS. Porto Alegre, 2017.

SOUZA-E-SILVA, M. Cecilia Pérez. **A interface estudos discursivos e estudos ergológicos**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.49, n.3, p.282 – 289, jul-set. 2014.

TRINQUET, P. **Trabalho e Educação: o método ergológico**. Revista HISTEDBR, Campinas, SP, v. 10, n. número especial, p. 93-113, ago. 2010.